

N. 7/6/82

COMPROMETIDOS SUGEREM FORMAS DE REINTEGRAÇÃO

por Miguéis Lopes Júnior e António Souto

Chega hoje ao seu termo a reunião da Direcção do Partido e Estado com os moçambicanos comprometidos com as diversas organizações repressivas do colonial-fascismo. Findas 40 horas de intensidade humana e histórica fora de vulgar, distribuídas por cerca de 10 sessões, os diversos grupos de comprometidos deverão apresentar hoje na sessão de encerramento, propostas feitas por eles próprios sobre formas da sua reintegração plena na sociedade moçambicana, nas diversas frentes da reconstrução nacional.

A reunião de sábado teve início com uma exortação do Chefe do Estado para que os Pides indiquem oportunamente os túmulos de heróis da libertação assassinados e desaparecidos.

Recordando o difícil diálogo com os antigos Pides, o Presidente Samora Machel criticou o baixo nível de consciência patriótica revelado pela maioria destes cidadãos. Deu particular ênfase ao facto de eles não terem desenvolvido até ao momento uma concepção de Pátria e de Nação.

DIÁLOGO E ANÁLISE

Acrescentou que apesar da longa e didáctica conversa com aqueles homens, na maioria eles continuam a pensar em termos de uma Pátria abstracta que lhes foi inculcada sem conhecerem a realidade do seu País.

Estabeleceu um paralelo com outras revoluções que «resolvem o problema dos traidores através das armas, mas nós estamos aqui a procurar resolvê-lo numa sala, através do diálogo e da análise da história».

A responsabilidade destes homens pela morte de milhares de patriotas «é um fardo que os perseguirá por toda a vida se não libertarem as consciências». «Vocês são responsáveis por uma série de atrocidades. São responsáveis pela humilhação, pela destruição de vidas, pela incivilidade de muitos lares. Vocês são responsáveis pelo Luto Nacional... Apesar de tudo isso, as vossas consciências estão ainda num estado primitivo».

Afirmou ainda que deste modo aqueles homens continuarão a ser presas fáceis do inimigo, constituindo um terreno fértil para a traição. Incitou a necessidade de se estudarem mecanismos eficientes para a sua reintegração.

O Chefe do Estado prosseguiu a reunião chamando os Comandos, Estabeleceu a comparação entre os Pides e os Comandos ao nível da sua responsabilidade criminal e mostrou como estas diferentes estruturas repressivas se complementavam e interligavam no todo da máquina de repressão colonial.

O AMANHÃ

Ao terminar a sessão da manhã um grupo de crianças entrou no salão onde decorria o encontro, tendo rodeado o Presidente Samora Machel e oferecido flores a todos os dirigentes.

A atitude destas crianças constituiu um profundo contraste nas descrições de crimes que ali foram feitas ao longo de horas sucessivas de diálogos.

Com uma criança ao colo e num ambiente de profunda emoção o Chefe do Estado dirigiu-se aos comprometidos e disse: «Este é o nosso futuro. Era por isto, pelo futuro de todas estas crianças que lutávamos. Lutávamos por estas flores belas que são o amanhã. E vocês lutavam para quê?»

IDONEIDADE

A sessão da tarde iniciou-se com o depoimento de ex-membros dos Grupos Especiais (GE) que constituíam destacamentos de apoio ao exército colonial que eram enviados para as

zonas mais «quentes» durante a guerra.

Seguiu-se a chamada dos GEPS, grupos das mesmas características dos GE, mas com preparação mais aturada e que incluía o treino de pára-quedaismo.

Os GEPS tiravam a recruta em Portugal, sendo depois enviados para Moçambique, onde cursavam as respectivas especialidades no Dondo.

Neste ponto a sessão foi interrompida por alguns minutos e após uma intervenção particularmente arrogante de um GEP. Pelo tom utilizado, pela convicção com que pronunciava as suas palavras, este reflectia o facto de continuar ligado àquela tenebrosa instituição.

No retatamento, o Presidente Samora voltaria a frisar que o que se preten-

de constituía o suporte da guerra. Sendo o guerrilheiro o peixe e o povo a água, a missão dos Comandos seria a de «secar a água» para o guerrilheiro não se poder movimentar. Significava isto destruir os bens, os meios de produção das populações.

WYRYAMU NA «PRIMEIRA PESSOA»

Posteriormente foi feito um apelo para que se apresentassem voluntariamente elementos dos Comandos e dos GE que pudessem divulgar nomes de oficiais que enquadraram massacres ocorridos na guerra colonial. Respondendo ao apelo apresentaram-se diversos elementos que mantiveram, por ordem do Presidente Samora, o anonimato, tendo contribuído para a transposição de um dos mais odiosos massacres ocorridos em Moçambique,

grupo, chamado Abreu recusou-se depois a avançar.»

Apresentou-se depois um outro ex-comando que esteve no grupo que montou a segurança ao aldeamento de Wryyamu durante a ocorrência do massacre. Ele forneceu mais detalhes sobre o acontecimento, tendo explicado que quem comandou a operação no dia 18 de Dezembro de 1972 foi o 2.º comandante da companhia, capitão Belo por se encontrar na altura de férias o primeiro comandante. Por outro lado, a ordem para a missão teria emanado do comandante da Zona Operacional de Tete coronel tirocinado pára-quadista Martins Pereira. A ordem dada foi de «derrubar tudo o que estava em pé e de «liquidar tudo o que se movesse». Enquanto os Comandos montavam a segurança os Pides prosseguiam os interrogatórios na tentativa de saber quem era o régulo e quais os elementos da população que apoiavam a FRELIMO. Como os interrogatórios se revelassem infrutíferos o capitão dos Comandos teria discutido com o Chico Feio para que terminassem a operação. Este é os seus correligionários,

De salientar o insólito de entre os membros do MNF se encontrar... um homem que tinha sido servente de uma das delegações do Movimento.

Todas estas instituições «desfilaram» rapidamente tendo os moçambicanos seus antigos membros ficado rapidamente ilibados e libertos das respectivas cargas pela generosidade sempre patente do Chefe do Estado.

Assim, as ex-MNF e madrinhas de guer a deverão ingressar na OMM com a obrigação de se mostrarem activas.

Quanto aos OPVDCs foi lançado o repto (aceite) de estes contribuírem na luta contra a criminalidade para transformar a cidade de Maputo numa zona de paz e tranquilidade.

Finalmente, a encerrar a sessão o Presidente Samora encarregou os comprometidos de se organizarem por grupos para elaboração de dois documentos. Um diz respeito às formas de treino e métodos de actuação da ANP, PIDE, Comandos, GE e GEPS. Um segundo documento deverá apresentar propostas sobre a formas como os comprometidos ligados àquelas instituições se propõem reintegrar, como moçambicanos livres e iguais em direitos a todos os outros, às diversas frentes da reconstrução nacional: economia, defesa da soberania, patrulhamento das cidades, etc.

Os documentos, a elaborar durante o fim-de-semana deverão ser apresentados na sessão de encerramento, prevista para o fim da tarde de hoje.

A PRÁTICA DA REUNIÃO

Ponto saliente a reter destas sessões desde o seu início é a forma como muitos se apresentam voluntariamente para falar trazendo o que julgam ser «a lição estudada» relativamente à sua própria interpretação das reuniões anteriores.

Assim foi o caso do Pide Fumane — de discurso romanesco notoriamente decorado de véspera; assim foi o caso de muitos outros adoptando tiradas de autflagelação em termos genéricos mas ocultando nomes, datas, e factos concretos essenciais, precisamente os que lhes provocam feridas na consciência.

A prática desta reunião, a forma como ela é apreendida e que se reflecte nas intervenções dos comprometidos diz já — ela própria — algo sobre o carácter e a personalidade dos que ali vão falando. Revela se estes a interiorizaram de forma correcta e oportunista. Vai ajudar a confirmar se um Pide, um ANP, um Comando continuam ou não a «ser» Pides, ANP e Comandos. Se estes pretendem justificar a sua opção de ingresso naquelas organizações ou de facto escarpeliza-la e assumi-la, para a liquidar.

Finalmente há a referir a diferença do «clima» destas últimas sessões relativamente àquelas havidas com os ANPs: por um lado as múltiplas linhas de vida que as trajectórias dos «braços da repressão» cruzam causando invariavelmente um cortejo dramático de dor, sacrifício e morte; por outro, um julgamento de actos, de acções concretas, físicas, de crimes que como tal são confrontados, explanados na memória das vítimas ali prolongada ou revidada. Os «ideólogos» — os ANPs — têm sobretudo de despir o garrote cerebral e de personalidade imposto pelos seus padrões. Os Pides, os carrascos, têm de olhar bem de perto, de rememorar todo o sangue que as suas mãos fizeram verter.

Os Comandos, de assumir que eram o braço mandado daquelas duas instituições.



A prática da reunião diz já ela própria algo sobre o carácter e personalidade dos que ali vão falando

dia com a reunião com os comprometidos era que houvesse da parte destes idoneidade e responsabilidade.

Referiria que a maioria dos comprometidos se estavam a revelar responsáveis e a compreender o espírito e objectivos da reunião. Eram pessoas que finalmente estavam a «adquirir o sentido de Nação, de Pátria». A minoria que se mostrava renitente seria constituída na sua maioria por marginais, por pessoas muito ignorantes e ainda hoje sem a mínima consciência do seu papel no período colonial.

As facanhas particularmente tenebrosas dos GE e dos GEPS, durante a guerra colonial dever-se-iam ao facto de eles serem recrutados nas cidades, entre marginais e desempregados, entre o «lumpen urbano».

DIFERENÇAS

O Chefe do Estado estabeleceu ainda a diferença de atitudes demonstrada na reunião entre os GE e GEPS e os Comandos. Estes últimos, com efeito, teriam fornecido o fundamental da sua actuação. A sua missão era «matar o guerrilheiro e a população por-

um massacre que provocaria a indignação da comunidade internacional: Wryyamu.

Um dos voluntários começou por dizer:

— Numa manhã (31 de Dezembro de 1972, estivemos estacionados junto de um rio. Nessa manhã, a 6.ª Companhia de Comandos, comandada pelo capitão Belo, e um grupo de cerca de dezoito elementos da PIDE comandados pelo Chico Feio de Tete, avançaram por grupos, tendo um avançado do lado Sul do rio e outro grupo do lado da estrada Tete-Vila Manica. Avançámos e chegámos a um certo lugar e ficámos lá. Na parte da tarde, por volta das 14 horas, tomámos conhecimento que o 4.º grupo tinha caído numa emboscada junto a um aldeamento onde tinha ido para capturar um régulo. Vimos sair helicópteros da cidade de Tete que carregaram se não me valha a memória o 1.º e o 3.º grupos e comandante da companhia capitão Belo. Minutos depois sobrevoaram a zona 4 caças bombardeiros "G-91" Fiat, largaram bombas e começaram a ouvir tiroteio no meio. Entretanto, o alferes do meu

entretanto, insistiram que a missão fosse levada até ao fim. O comandante então afastou-se e continuou a manter a segurança. Os Pides, entretanto, iam juntando a população aos grupos e lançando granadas para o meio dela. Assim foram massacradas mais de 100 pessoas que seriam enterradas apenas 12 dias mais tarde por um grupo de Comandos que saiu secretamente durante três dias da cidade de Tete para o efeito.

Os minutos deste relato do massacre de Wryyamu, contados «na primeira pessoa», foram dos mais dramáticos e emocionantes da reunião. Seguidos num silêncio denso e carregado do peso, do sacrifício e da dor consentidos pelo Povo moçambicano na luta contra as diversas máquinas de repressão colonial.

AS FORMAS DE REINTEGRAÇÃO

A parte final da sessão da tarde foi preenchida com uma rápida revista de outros instrumentos coloniais.

Assim desfilaram sucessivamente antigos membros do Movimento Nacional Feminino, ex-madrinhas de guerra, sipaios e OPVDCs.